

# CRÍTICA AO SUJEITO DO CONHECIMENTO EM NIETZSCHE E FREUD

HERMANN ROHOR KULITZ - Estudante de Filosofia pela  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).  
hermannkulitz@yahoo.com.br

**Resumo:** A modernidade, como é entendida por Vattimo, foi o período em que predominou a proposta de superação crítica e pensamento do homem como centralidade no mundo. Durante esse período, buscou-se investigar as possibilidades de conhecimento no que fora formulado por Descartes como “Sujeito”, sendo o projeto que repercutiria na enunciação da emancipação humana, visão esta fundamental na proposta iluminista Kantiana, na afirmação do “eu” transcendental, autônomo. Todavia, tais concepções são alvos de críticas de Nietzsche que pretende desconstruir a ideia do sujeito como Descartes a formulou. Nessa esteira, Freud também é identificado como pensador importante no sentido de apresentar ao mundo outra proposta que não a do humano como consciente-desejo. Lacan reforça a posição de Freud, lançando mão de um projeto de resgate da psicanálise a partir de sua ruptura com a consciência como instância privilegiada.

**Palavras-chave:** *filosofia contemporânea; sujeito; psicanálise*

## Introdução

O presente trabalho teve como objetivo explicitar e relacionar as posições de Nietzsche e de Freud no tocante à noção de Sujeito tal como era na Modernidade e a subversão que sofreu na Pós-modernidade.

Fez-se um esforço no sentido de dialogar com autores modernos como Descartes e Kant, observando as consequências de seus pensamentos e o ponto de rompimento, que era o foco deste projeto: fazer críticas à noção de sujeito do conhecimento.

Nesse sentido, a crítica passa no cerne da questão metafísica como tentativa de buscar um fundamento último, que à época teria garantido todo o conhecimento e posto o homem como centralidade da realidade. Procurou-se identificar as insuficiências apontadas pelos autores contemporâneos, bem como as propostas oriundas do esforço desses.

A posição de Nietzsche é eminentemente filosófica, portanto, uma visão interna da própria tradição filosófica. Já Freud, era neurologista, diferenciando seus tipos de argumentos em relação aos que Nietzsche elabora, sem com isso perder força e importância.

A reflexão acerca da questão colocada nesse projeto é de fundamental importância para que se pense uma intervenção na clínica psicanalítica. Ou até mesmo em qualquer uma, dado que uma intervenção parte de uma concepção de mundo e de homem.

### O sujeito e seu ocaso

Desde os primórdios da construção do campo que se pode chamar de *conhecimento*, se olharmos de perto, iremos perceber que, das crenças antigas, dos mitos e lendas à filosofia e à ciência na atualidade, sempre os acompanharam a concepção de

*homem* ou, após Descartes, a de *sujeito*, que sofreram e sofrem modificações ao longo da história. Trata-se, no presente artigo, de apontar algumas destas modificações partindo do conceito de sujeito na filosofia, com Descartes, passando por Kant e pela via aberta por Nietzsche à subversão introduzida por Freud, com a psicanálise, na medida em que introduz no campo do saber e da clínica o conceito de inconsciente.

A importância desta distinção reside no fato de que, a depender do modo como se considera este sujeito no campo das chamadas ciências humanas, teremos práticas e intervenções notadamente distintas, seja no registro mais particular da clínica seja no âmbito das ações no social. Quer se supor com isso que aí está o ponto epistemológico que distingue, por exemplo, a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise; estando as duas primeiras mais próximas e a última se colocando no pólo oposto, e isto justamente em função da maneira como se considera, em cada um desses campos, o *sujeito*. Inclusive este é um dos critérios a partir dos quais se separa, hoje, não somente os campos do saber, mas principalmente indicam e nomeiam o *tempo* em que vivemos.

A noção de sujeito, pois, é tributária da Modernidade. Termo fundamental no pensar cartesiano, é também uma condição lógica de sustentação de vários sistemas filosóficos desenvolvidos posteriormente, não deixando de ser utilizada e mais, sendo vez ou outra exaltada no vocabulário de linhas psicológicas.

É importante, então, compreender de que forma foi cunhado o conceito de sujeito e qual a sua relevância, para que posteriormente seja possível entender sua subversão no pensamento de Freud e sua negação nas formulações de Nietzsche. Nesse sentido, é na modernidade que Vattimo observa a construção de tal termo e seus desdobramentos.

Para Vattimo (2007), a modernidade pode ser caracterizada como o período em que os pensamentos eram considerados de forma a prosseguirem rumo à iluminação, ou seja, cada vez mais próximos das noções de realidade e de verdade, partindo de fundamentos que possibilitavam esse projeto.

O fundamento por excelência seria o Sujeito, tal como Descartes formula, que possibilitaria todo conhecimento e garantiria a centralidade do Homem no mundo, dando lugar assim a um determinado humanismo, valorizando a autonomia individual

e a aplicação pura da razão.

Descartes (2005), em seu projeto de buscar uma certeza primeira, utiliza-se do método dos geômetras para que se possa extrair desta um encadeamento de conclusões e premissas que embasem e justifiquem o conhecimento. O filósofo francês parte dos sentidos, da percepção. Há nos sentidos uma enganação, algo que em experiências comparadas simples já mostram alterações da percepção; alguém prova o sabor de um alimento em condições normais e quando está com febre: o sabor se altera.

Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram.  
(Descartes, 2005, p. 31)

Ora, a dúvida que abala tudo, método de Descartes, já então descarta o sensível como meio de comprovação de verdades. Uma hora percebemos determinado fato de uma forma, em outro momento o mesmo fato é percebido de outra forma. Tem-se então a negação dos sentidos como mecanismo de prova. Resta, portanto, passar por cima deste meio, a percepção, para algo mais fundamental, algo que sobreviva ao método da dúvida. Esse algo, o estatuto de toda a certeza possível, virá com a identificação do Eu com o *Subjectum*. O *eu penso* de Descartes será a condição de todo o conhecimento possível. Afirma que se pode duvidar de tudo, menos de que se duvida. Por dedução, se *eu duvido, penso*. E se há pensamento, há existência.

Mas o que é que sou então? Uma coisa que pensa. O que é uma coisa que pensa? Isto é uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente.  
(Descartes, 2005, p. 47)

Pois é por si tão evidente que sou eu quem duvida, entende e deseja que não é aqui necessário acrescentar nada para explicá-lo.  
(Descartes, 2005, p. 48)

Chegamos assim àquilo que transcende os sentidos, que é unidade, identidade, fundamento. Descartes fará esse salto, dos sentidos para algo além dos sentidos, afirmando ser o pensamento *sinônimo* de existência: *Cogito ergo sum*.

Vemos a manifestação dessa proposta, o Sujeito, em Kant (1974). Em sua tentativa de garantir um conhecimento seguro, que diz não ter sido alcançado por seus antecessores, tentando investigar as condições de possibilidade do conhecimento no Sujeito, chegando à estética e à dialética transcendentais. Acrescenta, então, ao *cogito* cartesiano as categorias de espaço e tempo como *a priori* do conhecimento, ou seja, condições que possibilitam o conhecimento de acordo com as categorias do intelecto. Apesar de o conhecimento, para Kant, se dar num nível em que só é possível após a junção com a experiência, ainda permanece a ideia de um Sujeito universal, podendo chegar a si mesmo pela Razão e a possibilidade do conhecimento estar fundada no próprio Sujeito, pelo menos de início no *a priori* (tempo e espaço).

Pois a razão pura especulativa possui a faculdade peculiar de poder e dever medir exatamente a sua própria capacidade segundo as diversas maneiras de escolher os objetos do seu pensar [...] Pois, por um lado, no conhecimento a priori nada se pode atribuir aos objetos salvo aquilo que o sujeito pensante tira de si mesmo; e, por outro, no que diz respeito aos princípios do conhecimento, a razão pura é uma unidade totalmente à parte e auto-suficiente[...] (Kant, 1974, p. 44)

Esta é a proposta da *Crítica da razão pura*, a Razão que julga a si mesma podendo garantir o fundamento de todo conhecimento.

Podemos salientar tal empresa quando Kant encara a *Aufklärung* como movimento emancipatório do humano, ou seja, quando o homem tem a capacidade de se autodeterminar, já que é formado por uma substância simples capaz de pensar a si mesma e “fazer existir” as outras, plenamente pelo uso correto da Razão.

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade,

da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo.

*Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung] (Kant, 1974, p. 100)

Com essa proposta, através de uma estruturação lógica, estética e apriorística, vemos em Kant a razão como uma instância universal da qual todos os particulares compartilham da mesma forma. (Kant, 1974)

Seria essa a concepção dominante em toda a modernidade e alvo das críticas nietzschianas diretamente, a fim de conseguir resgatar o devir, lenhando a árvore da metafísica e destruindo os *ídolos*, ou seja, tudo que pretende ser eterno, imutável, transcendente. (Onate, 2000)

Tais críticas, de acordo com Vattimo (2007), marcaria o próprio fim da modernidade, que coincidiria com o esvaziamento desse Sujeito, em outros termos, do Homem como centro de todo o conhecimento e autodeterminado. O ponto culminante seria o anúncio da *Morte de Deus* que Nietzsche faz e, conseqüentemente, a queda dos valores supremos como: o imutável, o permanente, o eterno. O contingente passaria a ser considerado e não mais se sustentaria um fundamento último.

[...] se pode aceitar a tese de que o humanismo está em crise *porque* Deus está morto [...] (Vattimo, 2007, p. 18)

Por isso, a morte de Deus – momento culminante e, ao mesmo tempo, final da metafísica – também é, inseparavelmente, a crise do humanismo. Em outras palavras ainda: o homem só mantém a posição de “centro” da realidade, a que alude a concepção corrente do humanismo, por força de uma referência a um *Grund* que lhe garante esse papel [...] O sujeito só afirma sua centralidade na história do pensamento mascarando-se nos semblantes “imaginários” do fundamento. (Vattimo, 2007, p. 19)

A necessidade que havia de se chegar ao fundamento, a algo que desse garantia ou certeza de todo o desenvolvimento do pensamento, perde força e a noção de superação crítica, que assola a modernidade, é vista como algo inútil. Assim, Vattimo identifica que, com Nietzsche, chega-se, através de tentativas anteriores, ao descrédito da verdade como ponto fixo e, conseqüentemente, o fundamento perde seu *status-quo*, ficando a noção de sujeito comprometida.

Deus morre precisamente na medida em que o saber não precisa mais chegar às causas últimas, o homem não precisa mais crer-se uma alma imortal, etc. Mesmo se Deus morre por que deve ser negado em nome do mesmo imperativo de verdade que sempre nos foi apresentado como uma lei sua, com ele também perde sentido o imperativo de verdade. (Vattimo, 2007, p. 9)

Com Nietzsche, em sua crítica a Metafísica e, conseqüentemente, a queda de toda grande certeza, a noção de sujeito desfaz-se. Nesse sentido, o que Vattimo relata como “a crise do humanismo” é o acontecimento em que o sujeito da consciência apoiado na metafísica perde sua credibilidade e semântica. (Vattimo, 2007)

Oñate (2000) aponta o caminho que Nietzsche percorre para explicitar a genealogia da noção de Sujeito, que remonta à genealogia da moral e sua equiparação com a vontade de verdade. Segue-se que a moral é “conjunto de valorações que determina vasta categoria de homens, levando-os a negar, caluniar, envenenar a vida” (Oñate, 2000, p. 62).

A moral, para Nietzsche, é ferramenta de dominação. Povos mais fracos, que não suportariam a contingência da vida e a falta de sentido que lhe é inerente, criaram ideais eternos e transcendentais visando extirpar a angústia provocada pelo advento do devir. Seria a tentativa de tornar a vida possível em um além-mundo, já que nesse não é possível.

A espécie ressentida de homens, historicamente a esmagadora maioria, necessitava acreditar num ser idêntico, unitário, capaz de refletir e escolher, pois só assim seu sofrimento, seu padecer perante a existência, transmutar-se-ia em fardo livremente aceito, cujo mérito seria recompensado no hipotético “mundo verdadeiro”.  
(Onate, 2000, p. 67)

Colocando consequências como fundamentos, inverteram a criatura e o criador. Aquilo que o homem decadente criou como eterno e imutável para que suprisse sua angustia num mundo de mudanças é colocado como causa de si ao invés de ocupar o lugar que realmente lhe cabia: o de invenção. O homem cria Deus, fórmula dos valores supremos, para depois deslocar-se como criatura do mesmo, subordinando-se aos valores que ele mesmo criou. (Nietzsche, 2006)

Tem-se então o mundo verdadeiro, contrário ao real, e que possibilitaria uma segurança frente ao vir-a-ser da vida, a inconstância, que traz tanto prejuízo a quem não tem força para suportar as adversidades. Daí surge a concepção da vida que decai, em Nietzsche. *Décadence*.

É nesse campo de pusilanimidade, de *décadence* que frutificou(a) o anseio obstinado pela verdade, com seu corolário de noções estabilizadoras, funcionando não apenas como alento para suportar a existência, mas em especial enquanto instrumento de transmutação, de usurpação oblíqua das prerrogativas potenciais inerentes ao forte.  
(Onate, 2000, 75)

Nesse sentido, Onate observa que, para Nietzsche, o sujeito é um apelo à identificação desses valores criados com o objetivo de suportar a vida, que para esse tipo de homem, o decadente, é um tormento e merece medicação e alívio. Seria, o *eu*, somente uma faceta, o resultado de impulsos vitais que orientam o agir, o pensamento, o querer. O sujeito não é mais pensado como fator primário de onde deriva toda a realidade, mas é encarado como “uma pequena razão, instrumento e joguete da ‘grande razão’, das



funções orgânicas que permitem ao homem viver, expandir-se” (Onate, 2000, p. 71)

Se por uma via, Nietzsche pretende fazer esse trabalho usando a razão contra si mesma, Freud o faz, talvez sem se dar conta, por um método descritivo, através seu empirismo excepcional. O fundador da psicanálise admite não ser muito afim de filosofia, tendo relatado sua dificuldade de entendimento da área, mas tendo lido algumas considerações importantes oriundas de Schopenhauer e do próprio Nietzsche, e salientando a similaridade de algumas concepções com os mesmos. Freud afirma que:

Em anos posteriores, neguei a mim mesmo o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de idéias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise. Tive, portanto, de me preparar - e com satisfação - para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo [Nietzsche] reconheceu por intuição. (Freud, 1996, p. 26)

Apesar disso, não lhe restou prejuízos. Foi capaz de realizar um trabalho que ele mesmo descreve como: observações clínicas que comprovam as elocubrações do filósofo de Sils-Maria. Se Nietzsche já buscava a destruição da razão e da consciência, a golpe de martelos, uma razão que buscava caçar-se a si mesma e o fazer ver da irracionalidade, Freud começa esse trabalho com seus *Estudos sobre a Histeria*.

Extemporâneo, Freud (1996) vê-se escrevendo teses que desafiam a ortodoxia da medicina de seu tempo. A histeria, em sua época, por muitos era considerada loucura, fingimento. Inicialmente, o neurologista busca métodos heterodoxos que possibilitem uma abertura e avanço em sua pesquisa. Freud e Breuer, então, iniciam suas considerações acerca da Histeria utilizando-se da hipnose. Começam ambos a perceber, mesmo que de forma rudimentar, uma faceta que não era atribuída ao Homem, algo fora da consciência, distante da racionalidade.

Nesse direcionamento, Freud também vai de encontro àquela concepção de Sujeito moderno, não de forma incisiva, mas decisiva para o enfraquecimento de determinada compreensão. Não é de forma incisiva, pois ele não faz críticas ao modelo da modernidade, mas seus trabalhos caminham no sentido de oferecer dados e interpretações que contestam essa certeza fundada por Descartes e esse Sujeito que conhece e é fundamento.

Mesmo que ainda, para Freud, o termo “Sujeito” permaneça, é um sujeito que foi subvertido. Não é mais aquele unívoco, mas dividido. Existe um hiato entre o que pensa e o que é pensado: o Inconsciente. O *eu* já não é mais uma substância simples, tão pouco de importância central.

O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de *não-nascido*. Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar. É a relação da fazedora de anjos com os limbos. (Lacan, 2008, p. 30)

Lacan esforça-se por resgatar a radicalidade da criação do Inconsciente freudiano, pois aponta que, ao longo do tempo, como Freud previu na *História do movimento Psicanalítico*, o que foi formulado se perdeu pelo impacto que causara, que era a cisão fundante: a experiência da falta. Pois, nesse sentido, o inconsciente teria sido arrumado de forma a voltar à forma anterior, meramente descritiva ou ortopédica, e não como uma fenda.

A bem dizer, essa dimensão do inconsciente, que eu evoco, estava esquecida [...] O inconsciente se havia refeito sobre sua mensagem graças aos cuidados desses ativos ortopedutas em que se tornaram os analistas da segunda e terceira geração, que se dedicam, no que psicologizando a teoria psicanalítica, a suturar essa hiância. (Lacan, 2008, p. 31)

A ênfase é dada justamente em relação ao que Freud já havia escrito sobre o Inconsciente nos artigos sobre a metapsicologia, e também nos ensaios sobre o *Das ich und das es*, em relação aos vários conceitos sobre o tema. Várias definições que eram tomadas em um sentido descritivo: o inconsciente como aquilo que é não-consciente.

Todavia, o esforço de Freud (1996) em delimitar tal campo nada tem a ver com o sentido descritivo, mas com o dinâmico, mas não é suficiente que se faça essa mera diferenciação. Nesse sentido, deve-se especificar do que se trata então a criação de Freud e suas consequências. O Inconsciente como algo não realizado.

Em outras definições o inconsciente está condicionado a consciência, algo que depende dela para se ter acesso. Em se tratando de uma psicanálise, o Inconsciente, nada tem a ver com isso. É uma situação prévia, anterior à consciência e que a determina. Seus rastros são suas manifestações, e é percebido como algo que “manca”, algo que não se realiza, diferenciando assim do esforço de situá-lo como algo ligado a consciência. É uma falta a ser na literalidade do discurso, uma tentativa de fazer acontecer algo e, por algum motivo, isso falha. (Lacan, 2008)

É isso que abre a fenda no que se denominou outrora de Sujeito. A constatação de que algo “falha” é, portanto, a observação de Outra coisa que ultrapassa o que era unívoco. A cisão, o “buraco”, que é essa possibilidade do Inconsciente dá brecha para que seja apontado que o *eu*, essa substância simples e independente, talvez não seja tão independente assim, mas seja constituída por um Outro que furará a certeza de que os pensamentos são sinais da existência autônoma e mais: que o existir não está condicionado ao pensamento consciente. Parte-se dos sinais observados que eram explicados como erro e que a partir de Freud são considerados testemunho do Inconsciente, subvertendo assim a noção dos sintomas como algo meramente patológico, mas dando um status de algo que quer dizer alguma coisa.

No sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. Tropeço, desfalecimento, rachadura, Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. (Lacan, 2008, p. 30)

É nesse sentido que Lacan aponta a diferença entre Descartes e Freud, apesar de argumentar que o método de Freud tenha sido cartesiano. A cisão está justamente na quebra da ligação entre *pensar* e *existir*. Cria-se um espaço na proposição de Descartes, e agora é possível não mais reduzir a existência ao pensamento, mas considerar o pensamento como algo, não totalizante, que pertence ao existir; não é mais privilegiado.

Descartes nos diz – *Estou seguro, porque duvido, de que penso, e* – diria eu, para me manter numa fórmula não mais prudente que a sua, mas que nos evita debater o *eu penso* – *Por pensar, eu sou*. [...] Em suma, Freud está seguro de que esse pensamento está lá, completamente sozinho de todo o seu *eu sou*, se assim podemos dizer, - a menos que, este é o salto, alguém pense em seu lugar. (Lacan, 2008, p. 42)

Vemos similaridades no cerne da questão, em Nietzsche e Freud. Se por um lado são infecundas as teses no plano da filosofia: a Certeza, o Sujeito, a Unidade; por outro lado são infecundas as mesmas teses na observação empírica de Freud.

Em Nietzsche, como vimos, a verdade como local fixo perde o sentido. Não é mais possível pensar em algo imutável, eterno, unívoco. Dessa forma, podemos também identificar em Freud o enfraquecimento da certeza, que era relacionada à verdade, pela descoberta do Inconsciente, tal como foram apresentadas as ponderações de Lacan, como algo que possibilitaria um furo no sentido de abrir uma possibilidade que torna a certeza uma afirmação débil.

O trabalho de ambos os autores marcaram o surgimento de uma época, a Pós-Modernidade. Pode-se afirmar que se possibilitou um novo modo de pensar, totalmente em contraposição ao que vinha se desenvolvendo até à época.

## Referências Bibliográficas

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

LACAN, Jacques. *O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ONATE, Alberto Marcos. *O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.